

**O CHAMADO À SANTIDADE NO COTIDIANO: UM DIÁLOGO ENTRE
SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO E O PAPA FRANCISCO**
**THE CALL TO HOLINESS IN DAILY LIFE: A DIALOGUE BETWEEN SAINT
ALPHONSUS MARIA DE LIGUORI AND POPE FRANCIS**

Wellington da Silva de Barros¹ , Rafael Peres Nunes de Lima²



DOI.ORG/10.57147/ESPAÇOS.V33I01.933

Recebido em: 06/02/2025

Aprovado em: 15/04/2025

Resumo

O presente artigo busca trazer uma visão sobre a santidade nos dias atuais, seguindo os escritos de Santo Afonso Maria de Ligório e as encíclicas do Papa Francisco. A partir do chamado à santidade, o cristão é chamado a buscar seguir mais de perto a Jesus Cristo e com isso, seguir plenamente os exemplos deixado pelo Mestre. Neste caminho de santidade, a busca pelo seguimento radical do Evangelho torna-se indispensável. O cristão é chamado a viver o amor, conforme o ensinamento de Jesus nos Evangelhos e é a partir desta vivência do amor que ele pode ir e anunciar o Evangelho. Ir ao coração do Evangelho e perceber o quanto necessário é ir às fontes da espiritualidade e missão cristã, deixando de lado os extremismos e ideologias, para se reabastecer e daí caminhar rumo à santidade.

Palavras-chave: Santidade; Evangelho; Amor; Radicalidade; Oração

Abstract

This article seeks to provide a perspective on holiness in the present day, following the writings of Saint Alphonsus Maria de Liguori and the encyclicals of Pope Francis. From the call to holiness, Christians are called to seek to follow Jesus Christ more closely and, in doing so, to fully follow the examples left by the Master. On this path to holiness, the search for radical adherence to the Gospel becomes indispensable. Christians are called to live love, according to the teaching of Jesus in the Gospels, and it is from this experience of love that they can go and proclaim the Gospel. Going to the heart of the Gospel and realizing how necessary it is to go to the sources of Christian spirituality and

¹ Doutor em Teologia da Mobilidade Humana (URBANIANA-Roma, 2019) e Doutor e Ciência da Religião (PUC-SP, 2017), é professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (IESP) e colaborador das Irmãs Scalabrinianas. E-mail: ws.barros@itesp-teologia.com.br

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e em teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores (IESP). É Missionário Redentorista e colunista do Portal A12.com. Atualmente reside na Bolívia, contribuindo com a pastoral dos Redentoristas. E-mail: rafaelpcssr@gmail.com

mission, leaving aside extremism and ideologies, in order to replenish oneself and then walk toward holiness.

Keywords: Holiness, Gospel, Love, Prayer.

Introdução

“Toda a santidade e toda a perfeição de uma pessoa consistem em amar a Jesus Cristo, nosso Deus, nosso maior bem, nosso Salvador” (LIGÓRIO, 2016, 8), a frase dita por Santo Afonso Maria de Ligório no primeiro capítulo de seu livro: *A Prática de Amar a Jesus Cristo*, resume de modo simples e claro o que é o chamado à santidade que todo cristão é chamado a viver. Em que se resume a santidade, então? No amor à Deus.

Entretanto, o conceito de santidade muitas vezes sofreu distorções ao longo da história, sendo frequentemente associado a uma espiritualidade desencarnada ou a um distanciamento das ocupações temporais. No contexto atual, torna-se urgente resgatar o sentido autêntico do “chamado universal à santidade”, proclamado pelo Concílio Vaticano II na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Ao investigar o “coração do Evangelho”, percebe-se que ser santo nos dias de hoje exige a coragem de superar o “mercado da fé” e o individualismo, optando por um seguimento de Jesus que pisa no chão da história e reconhece nos pobres e abandonados o rosto do próprio Mestre. Assim, a santidade revela-se não como um ponto de chegada para poucos, mas como um caminho de felicidade e fidelidade para todos os batizados

1. O chamado à santidade

O livro do Levítico salienta: “Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou santo”. (Lv 19,2) e depois, iremos ler nos Evangelhos, Jesus dizer: “Sedes santos, como vosso Pai Celeste é santo”. (Mt 5,48) O chamado à santidade, possui fundamentos na Sagrada Escritura e na tradição judaico-cristã.

O chamado à santidade consiste em amar a Deus e o próximo (cf. Jo 13,34) e nisso buscar a dignidade plena do ser humano. A santidade é seguir o exemplo do Filho que revela a ação santa do Pai e envia o Espírito Santo, para santificar. É um chamado trinitário. O próprio Concílio Vaticano II recorda-nos desse chamado: “munidos de tantos

e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho”. (LG 11). O Papa Francisco, destacou, a partir desta recordação do Concílio, que cada pessoa é chamada a trilhar o caminho da santidade, tendo sempre como grandes exemplos os grandes santos da história. (cf. GE 11): “Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor dispôs para nós”. (GE 11) Ser santo, não quer dizer que devemos ser *apáticos* da história ou da realidade em que estamos vivendo, mas a partir dos grandes exemplos de santidade, perceber que, os santos, dentro de suas realidades, buscaram mudá-las, por isso o Papa Francisco nos diz para não “copiarmos” os santos, pois os atos dele em sua época histórica, responderam àquele contexto, hoje, nós devemos olhá-los e inspirar-nos em seus exemplos, dando respostas adequadas aos questionamentos do nosso tempo.

O teólogo suíço, Hans Urs von Balthasar diz que: “A realidade da revelação testemunhada em Cristo e na Igreja é histórica; se não o fosse, não alcançaria o homem que vive e morre na história. Seria (Irineu já o viu em relação aos gnósticos) mais insignificante do que ele: uma simples ideia” (BALTHASAR, 2023, 110). Tal afirmação quer trazer para nós este consenso de que, o anúncio da revelação de Cristo não partiu de uma ideia; não é uma ideia, mas é um fato histórico e por ser histórico cativa, converte, transforma a vida do ser humano. A teologia que não faz o anúncio Daquele que veio ao mundo para revelar o Deus-Trindade; que não “pisa no chão da história” e a partir daí anuncia e testemunha o Cristo, é uma teologia idealista; ideológica.

“No momento em que uma ciência, que se qualifica de teologia cessa de seguir as pegadas do testemunho apostólico e, consequentemente, afasta-se da missão de Jesus e da santidade que ela implica, deixou de ser significativa para a fé da Igreja” (BALTHASAR, 2023, 108). A fé da Igreja implica, necessariamente, na realidade ao nosso redor, pois anuncia um Jesus que foi homem, assumiu a carne humana, menos o pecado; vivenciou tudo o que vivemos, experimentou tudo o que experimentamos, teve sentimentos e sentiu as dores daqueles que eram os *anawins* (pobres da terra); se uma teologia esquece-se deste sentido primeiro de sua existência, deixa de ser significativa e passa a ir contra a Tradição. Paulo, na carta aos Filipenses vai dizer: “ter os mesmos

sentimentos de Cristo” (Fl 2,5) aí está, um caminho seguro para a santidade, pois a santidade parte Daquele que é santo por excelência e que deixou para nós o exemplo. (cf. 1Cor 11,24)

Sobre ser santo, destaca Papa Francisco:

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração. Não é assim. Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontro. (GE 14)

Ser santo no ordinário da vida, eis a chave de pensamento que todos devemos ter. Ser um santo anônimo, no cotidiano da vida, aí está a resposta que damos ao Senhor que nos chama à santidade.

Uma dona de casa, um trabalhador, operário, um estudante, uma criança, todos são chamados a serem santos onde estão. Não são os feitos extraordinários que fazem os santos, mas os ordinários. São Francisco de Assis, Santo Tomás de Aquino, Santa Ecolástica, Santo Afonso, os beatos, foram pessoas que no seu dia a dia foram demonstrando, revelando, anunciando com a própria vida Jesus, o Reino, o Deus-Trindade. Foram sim, teólogos e teólogas, mas longe das palavras rebuscadas, das teorias e reflexões, eles souberam converter tudo o que falavam em vivência cotidiana. Aqui reside o “segredo” da santidade.

Esta santidade no cotidiano vem da vivência plena do Batismo que todos recebemos um dia. “Deixa que a graça do teu batismo frutifique em um caminho de santidade” (GE 15), frutificar a graça batismal é deixar que floresça em cada pessoa o dom do Espírito Santo. Tal dom quem nos encaminha para a santidade. “Deixa que tudo esteja aberto a Deus e, para isso, opta por Ele, escolhe Deus sem cessar”. (GE 15) Ser batizado é escolher viver junto ao Senhor todos os dias, seja nos momentos bons ou difíceis, a vivência profunda e profícua do batismo é um dever de todo cristão batizado.

“Para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra sem a conceber como um caminho de santidade, porque ‘a vontade de Deus é que sejais santos’ (1Ts 4,3)”. (GE 19). O chamado à santidade é o desejo do Senhor para que todos possam seguir este caminho santo e, assim espalharem o perfume suave de Cristo no mundo.

Este caminho de santidade possui luzeiros que alumiam o caminho do cristão. Grandes santos do passado e do presente ajudam-nos, mostrando para nós o rumo que devemos seguir para alcançar a graça santificadora. Tudo isso é pautado numa raiz fundamental, o próprio Cristo. “O simples fato de que o sentido original da *Sanctorum Communio* seja a comunhão nas coisas santos, o que ocorre de modo central na Eucaristia” (BALTHASAR, 2023, 50), o que o teólogo suíço, Balthasar, quer demonstrar em seus escritos, é que a comunhão com os santos, se dá na Eucaristia, pois este Sacramento nos faz participes do corpo místico de Cristo, a sua Igreja. E, sendo participes da Igreja peregrina, devemos recordar que a Igreja militante, que já está na glória, com os santos, mártires e bem-aventurados, também é parte deste corpo místico, logo todos nós compomos este grande corpo. O sentido da santidade, liga-se intrinsecamente com a Eucaristia, pois somos santos, em sentido cristão, quando estamos incorporados à Cristo em sua Igreja. Para nós, cristãos, não há santos sem a Eucaristia.

A graça preciosa, como trata o teólogo e místico alemão, Dietrich Bonhoeffer:

é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo o que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue. (BONHOEFFER, 2016, 20)

É o tesouro prometido por Deus a todos os que O seguem. É pela graça preciosa que trilhamos o caminho da santidade e por ela – a graça – que podemos alcançar a santidade.

Graça, segundo o cardeal Ladaria, tal dom recebe este nome pelo fato de ser gratuito (cf. LADARIA, 2016, 103) e, sendo gratuito é oferecido a todos os homens. Uma graça preciosa, dada por Deus a todos. “O homem foi criado à imagem de Deus para chegar a realizar a perfeita semelhança” (BONHOEFFER, 2016, 20). Sendo assim, a graça preciosa dita por Bonhoeffer é a graça por excelência dada por Cristo, que é a Graça em pessoa. Isso leva-nos a compreender que, o caminho da santidade requer não apenas a força do homem, mas a ajuda de Deus que é por meio da Sua Graça. “Para o cristão que, por meio dos sacramentos, recebeu uma participação na vida divina, e por meio de uma fé viva tomou consciência da vontade de Deus, tal chamado apresenta-se como vocação

para a santidade” (BERNARD, 2014, 17-18). O caminho se revela como o percurso que todo batizado deve trilhar tendo em vista a graça santificante que provém Daquele que é a Graça, ou seja o santo é aquele que caminha no mundo, conhece sua realidade, vive o seu dia a dia à luz da graça e neste percurso anuncia e constrói o Reino.

2. Chamado a viver o amor

Santo Afonso traduz o chamado à santidade e o caminho da santidade em amar a Deus e amar o que Deus faz e querer o que Deus quer (cf. LIGÓRIO, 2016, 11). Essa definição, Afonso chama de conformidade com a vontade de Deus, pois é quando nos conformamos com àquilo que Ele quer não apenas para nós, mas, também para o outro, ali realizamos Sua vontade e, também expressamos o nosso amor.

A prática do amor à Jesus Cristo reverbera em todos os escritos *alfonsianos* sejam espirituais ou morais, pois para o Santo Doutor, em todos os aspectos da vida, o ser humano é chamado a amar a Deus e, assim demonstrar o seu amor por este Deus que tanto nos ama.

Como vos pagarei, ó Cristo, esse vosso amor? É justo que sangue se pague com sangue. Seja eu banhado com esse sangue e cravado nessa cruz. Recebe-me também em teus braços, ó santa cruz. Alarga-te, coroa de espinhos, para que eu coloque em ti minha cabeça. Cravos, deixai as mãos inocentes de meu Senhor e transpassai meu coração de compaixão e amor. Jesus, São Paulo diz que vossa morte foi para que vos apoderásseis dos vivos e dos mortos, não pelos castigos, mas pelo amor... (LIGÓRIO, 2016, 20)

Há um elemento de “compensação” na obra espiritual de Afonso, ou seja, a busca por compensar o sofrimento de Cristo na cruz e o seu amor por nós, para Santo Afonso deve-se amar com a mesma intensidade na medida do possível. Ele não foge da ideia que os Santos Padres da Patrística pensaram, pois para eles o “doar a vida” no Coliseu era dar a vida por Cristo, em prol do imenso amor que Ele ofereceu por nós. Em síntese, é transformar a própria vida em oferta agradável a Deus, um saber prático ordenado para a salvação:

Afonso considera a mortal um saber ordenado para a salvação. Não entende a reflexão moral como simples procura pela verdade moral objetiva, e nem, muito menos, um exercício da capacidade discursiva da mente humana. Para ele, a moral “está direcionada diretamente para a prática”. Essa “prática”, critério que guia todo seu trabalho no campo da moral, identifica-se com a busca da verdade concreta que salva. (VIDAL, 2022, 197)

O *corpus literário Alfonsianum* possui uma linha dinâmica que permeia toda sua estrutura: a prática. Sejam os escritos espirituais, sejam os escritos morais, todos indicam caminhos práticos para vivência e realização destes meios, como também, apontam para o projeto de salvação e redenção da humanidade. Com isso, podemos compreender que o caminho da santidade em Santo Afonso, perpassa todos os seus escritos, visando a plenificação do ser humano nas diversas áreas da vida.

Nesta seara, a prática do amor a Jesus Cristo é uma forma prática e espiritual da moral desenvolvida por Santo Afonso. Amar o ser humano e, nisso observar todo o seu ser diante do chamado à santidade, percebendo a limitação humana faz com que possamos ter a noção da benignidade pastoral e a misericórdia para com o outro. Olhar o outro não em seu pecado, mas nas causas e motivos pelos quais ele foi levado a pecar, é mudar a ótica em relação àquilo que distancia o ser humano do caminho à santidade. Já não condenamos mais o ser humano em si, mas o seu pecado e nisso, amamos o nosso irmão e buscamos auxiliá-lo neste caminho santo. Amamos a Jesus Cristo, amando o irmão.

“Jesus Cristo, sendo Deus, merece todo o nosso amor. Ele nos amou de tal modo que nos colocou, por assim dizer, na necessidade de amá-lo ao menos por gratidão por tudo que fez e padeceu por nós” (LIGÓRIO, 2016, 47). Hoje, num mundo tão secularizado e pluralizado, onde o “mercado da fé” faz-se presente na sociedade, o amor à Jesus Cristo torna-se um ato de loucura. Olhando para a realidade atual, vemos que há um grande número de pessoas que transitam pelas diversas religiões buscando um sentimento de satisfação e prazer e por isso, não se fixam e aderem realmente a uma religião. Busca-se uma realização pessoal ao invés de um amor concreto e fiel em Deus. O que Santo Afonso quer nos trazer em seu livro é o fato de que Deus nos amou tal forma, doando a própria vida por nós, que somos embebidos desse amor e por isso somos chamados a amar o Amor. Este sentimento de pertença e gratidão é o que deve mover o cristão e não um sentimento de satisfação e prazer, pois estes são passageiros e deixam

sempre um espaço vazio no coração; um espaço preenchido apenas pelo amor de Deus e à Deus.

“Todo pensamento de Santo Afonso, em sua teologia ascética, é dominado por uma admirável permuta, o processo extraordinário pelo qual o Filho de Deus se deu a nós” (JOHNSTONE, 1991, 76-88). A entrega do Filho de Deus, doando a própria vida por nós, permeia toda a obra espiritual de Santo Afonso, dando-nos indicativos concretos e claros do profundo amor de Deus por nós. O santo doutor, não se cansa de utilizar o *hino cristológico* de Fl 2,6-8 para mostrar-nos o quanto Deus, em seu infinito amor, se “aniquila”; se esvazia de si mesmo, realizando a *kenosis* e doa-se a nós.

“Essa teoria do mercado religioso parte da constatação do pluralismo religioso para chegar à conclusão de que religiões no contexto das sociedades modernas capitalistas secularizadas são dominadas pela lógica do mercado” (SUNG, 2014, 291). A questão do mercado da fé é algo discutido no meio acadêmico, principalmente pelo fato de que tem influenciado a sociedade moderna em todos os seus âmbitos. A lógica do mercado tem adentrado nas religiões e feito com que as pessoas buscassem o que lhe agrada; que lhe satisfaz e não um compromisso fiel como o que Santo Afonso nos indica para com Jesus Cristo.

Nesse sentido, retomamos a reflexão de Bonhoeffer quando trata da graça barata. Pois, a “graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja. Hoje, nossa luta é pela graça preciosa” (BONHOEFFER, 2016,19), ou seja, a graça barata é aquela com que muitos ditos “pastores” dizem possuir e que “podem distribuir” em suas igrejas. Uma graça barata é aquela com a qual a pessoa é enganada pelo homem que diz agir em nome de Deus. Isso influencia na questão do amor, pois só teremos uma verdadeira adesão à fé e ao amor à Deus, quando vencemos essa graça barata e não nos deixamos levar pelas leis mercantis da modernidade.

“O cumprimento da Lei de Deus é o amor. Mas quem poderia deixar de amar um Deus crucificado, que morre por nosso amor?” (LIGÓRIO, 2016, 47). Afonso questiona àqueles que são capazes de abandonar a fé e o amor à Deus. Como que àqueles que trilham o caminho da santidade; que foram batizados e confirmados na fé cristã-católica, podem abandonar um Deus que foi pregado na cruz? “Os espinhos, os pregos, a cruz, as chagas, o sangue de Cristo clamam por nosso amor! Querem que amemos aquele que muito nos

amou. Um coração é pouco para amar um Deus que nos ama tanto.” (LIGÓRIO, 2016, 47). Amar por ser amado, eis a lógica de Santo Afonso. Quem ama segue, e Aquele que chama ama, por isso os seguidores de Jesus, também são chamados a amar.

Podemos pensar em uma estrutura básica para a obra de Santo Afonso: primeiramente uma estrutura *agápica*, ou seja, uma estrutura que convida à compreensão do amor que os homens devem ter para com Deus, que tanto os ama. E dentro desta estrutura vamos perceber que o Amor quer ser amado, por isso cria o ser humano e se entrega a ele na cruz. Não há como pensar em Deus, sem recordar a cruz e a Eucaristia.

A partir disso, podemos perceber que para Santo Afonso, a santidade que se resume em amar a Deus e amar o que Deus faz, é também, um convite ao amor: “não conheço outra santidade senão a de amar a Deus de todo o coração; todas as outras virtudes sem este amor não passam de um montão de pedras” (LIGÓRIO, 2016, 52).

A missão do cristão é amar e amar leva à santidade. “Esta missão tem seu sentido pleno em Cristo e só se comprehende a partir dele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele.” (GE 20) Como Paulo, devemos dizer: “*Viver é Cristo, morrer é lucro*” (Fl 1,21), pois a centralidade da vida cristã está em configurar a própria vida a de Cristo e isso levam-nos a assumir a sua missão de anunciar o Reino. Logo, o anúncio do Reino só feito quando se ama e amando se torna santo.

3. Chamado a evangelizar

Uma frase marca a vida dos Redentoristas: “*Evangelizare pauperibus et a pauperibus evangelizari*”, ou seja, evangelizar os pobres e deixar-se evangelizar por eles. Não só os Redentoristas, mas todo o povo de Deus é chamado a evangelizar. É parte fundamental do chamado à santidade, levar a Boa-Nova de Cristo a todos os povos. (cf. Mc 16,15) Devemos recordar que: “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazia interior, do isolamento! Com Jesus Cristo, a alegria renasce sem cessar”. (EG 1)

Devemos ter em mente que nos escritos e na vida de Santo Afonso, ele descobre que os pobres e abandonados tem algo a oferecer, de modo mais claro, os pobres, também nos evangelizam. A espiritualidade redentorista destaca que encontramos na vida de Afonso indícios de como ele descobriu como os pobres tinham uma mensagem para ele e para seus companheiros deste modo, o santo já indicava um modo de vida radical: Viver entre aqueles a quem são enviados.

A partir daí, podemos refletir sobre o chamado à santidade, como sendo também, um chamado a evangelizar. O Papa Francisco, na Encíclica *Evangeli Gaudium* nos diz que: “O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é a tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada”. (EG 2) Isso nos indica que, na realidade contemporânea, corremos o risco de um individualismo exacerbado, ao ponto de esquecermos o fundamento do chamado de Deus e deixamos que a soberba, o comodismo, tomem conta da vida e coloque de lado aquilo que é o fundamental na vida de todo cristão, evangelizar.

“Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus, não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem”. (EG 2) A indicação que o Papa Francisco faz a nós, em relação à vida interior é para nos mostrar que, quando fechamos o nosso coração, fechamos as portas para que o próprio Deus possa entrar e fazer habitação em nós. Somente quando abrimos as portas do coração à Deus, é que podemos estar abertos, também aos destinatários do Evangelho, por isso, Santo Afonso diz: “Se queremos ser santos, todo o nosso esforço deve ser de nunca seguir nossa vontade, mas sempre a vontade de Deus; o resumo de todos os preceitos e conselhos divinos se reduz em fazer e sofrer aquilo que Ele quer e como Ele quer” (LIGÓRIO, 2016, 165).

Todos somos chamados a evangelizar. É dever dos cristãos levarem o Evangelho à todas as partes do mundo (cf. Mc 16,15) e, de forma sempre nova. Faz parte da identidade cristã a missão de anunciar a Boa-Nova e com isso, “é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus”. (EG 111) Neste peregrinar; neste caminhar rumo à fonte da

vida, somos chamados a realizar; “plenificar” a nossa semelhança com o Criador, sendo santos como Ele é santo (cf. Lv 19,2; Mt 5,48).

O missionário; o cristão, é chamado a ser “fermento na massa” (cf. Gl 5,9) e com isso, a pregação do Evangelho é compreendida como parte fundamental de todo o povo de Deus. “Este povo de Deus encarna-se nos povos da Terra, cada um dos quais a sua cultura própria”. (EG 115) Esta pregação explícita passa, necessariamente pelas culturas. Por isso, faz-se necessário o processo de iniciação do Evangelho, à luz da cultura local, para que assim determinado povo possa compreendê-lo. Já passamos da fase da imposição religiosa, agora, devemos retornar às fontes; às primeiras comunidades cristãs, e perceber que o “encantar” faz-se necessário. O missionário é chamado, então a encantar. A conversão parte do encantamento.

1.1. Ir ao coração do Evangelho

A Encíclica *Evangeli Gaudium* nos traz exemplos claros sobre a necessidade de retorno às fontes da evangelização, como também um chamado à todos os cristãos, que devem assumir de modo claro e conciso a missão de anúncio explícito do Evangelho. No mundo pós-moderno, onde a tecnologia favorece a comunicação pelas redes sociais de modo instantâneo, a busca pela praticidade e rapidez faz com que as pessoas não tenham “tempo” para pararem e ouvir a mensagem do Evangelho. Do mesmo modo, a lógica capitalista acaba por “excluir” a lógica do Evangelho que é o acolher o pobre; o indigente, trazê-lo de volta ao centro da comunidade e devolver-lhe a sua dignidade.

Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. (EG 262)

Ir ao “coração do Evangelho” é mergulhar nas fontes da espiritualidade cristã; no *modus operandi* do cristão e ali, beber desta perene fonte. O Papa Francisco nos recorda que para a evangelização ocorrer é necessário que haja um comprometimento tanto social como também missionário, para que este processo não fique apenas em discursos e sem ações, pois “a fé, se não tiver obras, está completamente morta”. (Tg 2,17)

No mundo atual, com a velocidade das comunicações e a seleção interessada dos conteúdos feita pelos *mass-media*, a mensagem que anunciamos corre mais do que nunca o risco de aparecer mutilada e

reduzida a alguns dos seus aspectos secundários. Consequentemente, algumas questões que fazem parte da doutrina moral da Igreja ficam fora do contexto que lhes dá sentido. O problema maior ocorre quando a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspectos secundários, que, apesar de serem relevantes, por si sozinhos não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo. Portanto, convém ser realistas e não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio. (EG 34)

A radicalidade pelo Evangelho, em prol da construção do Reino, num mundo *mass-mídia* como lembra o Papa, é desafiante e consiste em levar a mensagem de forma sempre nova, pretendendo alcançar sempre mais pessoas, utilizando os meios existentes hoje. São Clemente Maria Hofbauer em suas exortações dizia que o anúncio do Evangelho deve ocorrer de forma sempre nova, mostrando-nos o que Francisco nos retrata em sua Encíclica. A mensagem evangélica não pode ter tons secundaristas, mas deve mostrar aos homens e mulheres que lhes toca no mais profundo de suas existências.

Ao mesmo tempo, a santidade é *parresia*: é ousadia, é impulso evangelizador que deixa uma marca neste mundo. Para isso ser possível, o próprio Jesus vem ao nosso encontro, repetindo-nos com serenidade e firmeza: «não temais!» (Mc 6, 50). «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20). Estas palavras permitem-nos partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos, impelindo-os a anunciar Jesus Cristo. Ousadia, entusiasmo, falar com liberdade, ardor apostólico: tudo isto está contido no termo *parresia*, uma palavra com que a Bíblia expressa também a liberdade dum existência aberta, porque está disponível para Deus e para os irmãos (cf. At 4, 29; 9, 28; 28, 31; 2 Cor 3, 12; Ef 3, 12; Hb 3, 6; 10, 19). (GE 129)

A partir do momento que vamos ao “coração do Evangelho” e percebemos que a mensagem de Jesus Cristo é um chamado à santidade, mas também um chamado a recuperarmos a dignidade dos irmãos e irmãs que estão deslocados; colocados de lado pela sociedade e desprovidos, somos instigados a optarmos radicalmente pela causa evangélica. Somos colocados então numa encruzilhada, pois ou optamos radicalmente pelo Evangelho, ou não optamos. Como diz Santo Afonso Maria de Ligório, não podemos ser *tíblos*; mornos.

É o que significa aquela ameaça feita pelo Senhor às pessoas tíbias: “Não és frio nem quente, oxalá fosses frios ou quentes! Porque és morno, nem frio nem quente, estou para te vomitar de minha boca”. Notemos bem: “oxalá fosses frio!” Como? É melhor ser frio, isto é, despojado da graça de Deus do que ser desleixado? É verdade; de certo

modo é melhor ser frio, porque quem é frio pode mais facilmente corrigir-se pelo remorso da consciência. A pessoa tibia espiritualmente acostuma-se a ficar dormindo em suas faltas, não pensa em seu mal, não pensa em se emendar, e assim sua cura torna-se quase desesperada. São Gregório escreve: “A tibia, que deixou o fervor, cai no desespero” (LIGÓRIO, 2016, 90)

Não podemos ficar às margens. Ou vamos navegar nos mares ou ficamos em terra. O Senhor nos chama a ir com Ele e nos tornarmos “pescadores de homens” (Mc 1,17), para assim podermos anunciar o Evangelho. Se ficarmos nas margens, entre o mar e a terra, nos tornaremos como o sal que não salga; insosso. (cf. Mt 5,13).

4. Chamados a oração

Em uma de suas audiências gerais, o Papa Bento XVI (2012) enfatizou a necessidade de a oração ser um meio de inserção progressiva na história da salvação, que encontra seu ápice em Jesus Cristo. Segundo o pontífice, o ato de rezar deve proporcionar uma renovação da decisão pessoal do fiel em abrir-se à vontade divina, buscando a força necessária para conformar a própria vida aos desígnios de amor de Deus. Com essa exortação, o Santo Padre visava despertar a comunidade eclesial para a importância da oração como um diálogo vital e obediente.

Conforme observa Bento XVI, a trajetória pública de Jesus foi profundamente marcada pelo recurso constante à oração, especialmente em退iros solitários que revelavam sua intimidade com o Pai. Para o pontífice, esse diálogo orante não era negligenciado mesmo diante das urgências pastorais junto aos enfermos e necessitados; ao contrário, a imersão nas carências do povo intensificava em Cristo a busca pelo repouso na comunhão trinitária. Assim, a oração constitui o núcleo invisível que confere o sentido correto a toda a sua missão messiânica. Como Mestre da oração, nos poucos relatos evangélicos, vemos Jesus se retirar à lugares desertos sozinho para estar em oração; em diálogo com o Pai. Como diz o Papa Francisco, não sabemos o que Ele falará nesses diálogos a sós com o Pai, apenas podemos supor, mas essa «parte» privada da vida de Jesus nos ensina sobre a necessidade da oração. Jesus mantinha um profundo diálogo de amor com o Pai. Quanto mais Ele estava com o povo, mais buscava estar com o Pai. É a união entre Fé e Vida.

Ainda segundo Bento XVI (2025), o Catecismo ensina que a oração de Jesus é o modelo pedagógico fundamental para o cristão. O autor destaca o primado da oração como o "respiro da alma", devendo ser o primeiro ato do dia para evitar que a existência se torne tediosa ou cega diante da realidade. Para o pontífice, a oração educa para a escuta e o encontro com Deus, permitindo que os desafios cotidianos e as tribulações não sejam vistos como obstáculos, mas como apelos divinos e oportunidades de crescimento na fé e na caridade. Ademais, a oração é apresentada como uma arte que exige disciplina e perseverança, superando o caráter meramente episódico ou emocional para se tornar uma regra de vida que sustenta e transforma o fiel sob a proteção divina.

A oração é o "respiro da alma", que ao amanhecer busca este novo ar para estar em forma e poder ter forças para as rotinas do dia a dia. Sendo o "respiro da alma", a importância da oração; a sua necessidade, para que tenhamos fôlego ao longo do dia; ao longo da vida para caminhar rumo Àquele que é a finalidade de nossa existência, Cristo Jesus. Oração, também requer insistência, ou seja, não desanimar no primeiro «tropeço»; na primeira queda; na primeira falha, mas buscar insistir até tornar-se um hábito cotidiano.

Santo Afonso Maria de Ligório em seu livro: *A Oração*, logo na primeira parte, nos traz exemplos da necessidade da oração. No primeiro ponto, o Santo destaca que sem o socorro da Graça de Deus, nada podemos fazer (LIGÓRIO, 1992, 18). Utilizando de uma metáfora, a Graça é a energia que nós recebemos de Deus por intermédio da oração. E aqui está o ponto chave da noção de necessidade da oração, pois o ser humano para se santificar, necessita da Graça para que tenha forças de alcançar as virtudes. A oração então, é a ponte dialogal que temos para com o Senhor e é por esta ponte que pedimos este socorro a Deus.

O bem só é feito no mundo por meio da Graça e nós só conseguimos realizar este bem se estivermos "impulsionados" por esta dádiva divina. E para que isso ocorra, a oração, então é de extrema necessidade, pois é por também por ela que podemos pedir a Deus a sua Graça.

Um segundo ponto destacado por Afonso é que a oração é alimento. Afonso, também coloca que a oração é o alimento para alma. É um alimento que mantém a alma viva, forte e firme na fé (LIGÓRIO, 1992, 21-22), e, então conseguimos compreender a eficácia da oração, pois sem ela nada podemos fazer, da mesma forma que o corpo sem o

alimento fica fraco e chega à morte, da mesma forma a alma sem a oração enfraquece e morre.

A oração é uma arma espiritual. A comparação que Santo Afonso faz da oração como uma arma necessária para a defesa contra os inimigos (LIGÓRIO, 1992, 23) é uma forma de nos mostrar que somente por esse meio é que conseguimos nos proteger contra o mal. O santo ainda nos recorda que o mandato de Jesus sobre a oração, sempre esteve em primeiro lugar (LIGÓRIO, 1992, 23) e que, por meio deste meio tão salutar é que conseguimos progredir na fé e, principalmente nas virtudes.

Em seu amor, Deus não envia dificuldades sem saber se damos conta, mas ao contrário, Ele nos envia as tribulações pois sabe que somos deficitários, frágeis e pecadores. Não fazemos nada sem o auxílio da graça, nem mesmo seguir os mandamentos de Deus, pois é a partir da graça pedida em oração, que conseguimos dar passos na vida (LIGÓRIO, 1992, 25). “Deus sabe como a oração é útil para conservar a humildade e para exercer a confiança” (LIGÓRIO, 1992, 26), ou seja, em fragilidade, Deus espera que nós peçamos a Ele a graça da sua misericórdia e neste «esperar», Ele vê as tentações agirem contra nós, os inimigos virem contra nós, mas por causa da nossa liberdade, Ele só nos envia a sua ajuda quando pela oração, pedimos a graça. É somente pela oração que nós conseguimos a força, o sustento necessário para conseguirmos vencer as batalhas que surgem ao longo da vida, pensando numa maneira mais clara, é pela oração que obtemos a graça divina para vencer a tentação e o pecado.

Assim como o ar é essencialmente necessário para a sobrevivência do ser humano, a oração é fundamental para a sobrevivência da alma. O cuidado ontológico com o ser humano não pode ficar apenas no corpo físico, mas deve-se cuidar também da espiritualidade, e a melhor forma de realizar essa tarefa é por meio da oração, tão essencial para o homem.

mesmo que pareça óbvio, lembremos que a santidade é feita de abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração. O santo é uma pessoa com espírito orante, que tem necessidade de comunicar com Deus. É alguém que não suporta asfixiar-se na imanência fechada deste mundo e, no meio dos seus esforços e serviços, suspira por Deus, sai de si erguendo louvores e alarga os seus confins na contemplação do Senhor. Não acredito na santidade sem oração, embora não se trate necessariamente de longos períodos ou de sentimentos intensos. (GE 147)

Conclusão

A vocação à santidade transcende a mera dimensão da *práxis*, exigindo uma integração profunda com a vida contemplativa e o exercício da oração. Esta última constitui o canal dialógico por excelência entre a humanidade e o Transcendente. Nessa perspectiva, o Papa Francisco (2018) ressalta que a santidade é indissociável de um espírito orante, evidenciando que a comunicação constante com Deus é vital, mesmo em meio às atribulações do cotidiano.

Corroborando essa reflexão, Bento XVI (2012) adverte que a ausência de uma vida de oração fiel e diária esvazia a ação humana de seu sentido mais profundo. Para o pontífice, sem esse fundamento espiritual, o agir cristão degrada-se em um ativismo estéril e insatisfatório. Portanto, a ação desvinculada da oração perde sua "alma" e sua razão de ser, comprometendo o próprio alicerce da santidade, que deixa de ser um reflexo da vontade divina para tornar-se um esforço meramente humano.

O chamado à santidade é estritamente um chamado à adesão radical da própria fé. Uma fé vivida radicalmente, baseada e pautada nas causas do Evangelho, seguindo o exemplo de Jesus Cristo; indo ao encontro dos pobres e sofredores, estendendo-lhes a mão e trazendo-os de volta ao convívio da sociedade/comunidade; devolvendo-lhes a sua dignidade como seres humanos, sem esquecer-se de que tudo isso passa pela espiritualidade e pela oração.

Ser santo não é viver à deriva do mundo; não viver às margens do mundo e não se deixar ser afetado por ele, ao contrário, os grandes santos e místicos da história estiveram a par de todos os acontecimentos de seu tempo, mas ao mesmo tempo transformaram suas orações em práticas que ajudassem os irmãos e irmãs a alcançaram o Criador. Como diz o Papa Francisco, "ser santos ao pé da porta", ou seja, buscar a santidade no meio do povo, ajudando-o em sua busca por sentido e respostas junto Àquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida. (Jo 14,6)

Buscar a santidade é seguir Jesus Cristo. Seguindo seus passos, seguindo seus exemplos, optando sempre pelo Evangelho. "A santidade é o rosto mais belo da Igreja." (GE 9) e sendo o rosto belo da Igreja, os santos e santas são expressões de proximidade, acolhida e fraternidade no meio da sociedade desigual, excludente e que vai contra os caminhos do Evangelho.

Referências Bibliográficas

- BALTHASAR, H. U. *Santidade e Testemunho*: escritos escolhidos sobre teologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2023.
- _____. *Católico*: aspectos do Mistério. São Paulo: Paulus, 2023
- BENTO XVI, Audiência Geral: *A oração atravessa toda a vida de Jesus*, 30 de novembro de 2011, in *A Santa Sé*: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20111130.html, [acesso em 06-02-2025].
- _____, Audiência Geral 25 de abril de 2012, In: *A Santa Sé*: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120425.html, [acesso em 06-02-2025].
- BERNARD, C. A. *Introdução à teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 2014.
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- COMMUNICANDA 10. Santo Afonso, missionário dos pobres. In: UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL (org.). *Espiritualidade Redentorista* 4. Aparecida: Santuário, 1991.
- CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a Igreja. In A Santa Sé: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. [acessado em 25.11.2024]
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulus, 2019.
- JOHNSTONE, B. Santo Afonso e a teologia da conversão. In: UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL (org.). *Espiritualidade Redentorista* 1. Aparecida: Santuário, 1991.
- LADARIA, L. F. *Introdução à Antropologia Teológica*. São Paulo: Loyola, 2016.
- LIGÓRIO, A. M. *A Oração*: o grande meio para alcançarmos de Deus a salvação e todas as graças que desejamos. Traduzido do original pelo Pe. Henrique Barros, C.Ss.R. 4ªEd. Aparecida: Santuário, 1992.
- _____. *A prática do amor a Jesus Cristo*. Aparecida: Santuário, 2016.
- SUNG. J. M. Mercado religioso e mercado como religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 290-315, jun. 2014.
- VIDAL, M. *Afonso de Ligório*: O triunfo da benignidade frente ao rigorismo: A moral Alfonsiana. Vol. 3. Aparecida; Goiânia: Scala, 2022.